

# REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 41 – Junho / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

JUNHO / 2020

## UMA VISÃO GERAL DA HISTÓRIA DA TEOLOGIA DO PLURALISMO RELIGIOSO

*Me. Gabriel Giroto Lauter*



# UMA VISÃO GERAL DA HISTÓRIA DA TEOLOGIA DO PLURALISMO RELIGIOSO<sup>1</sup>

An overview of the history of the religious pluralism theology

*Me. Gabriel Giroto Lauter<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> O conteúdo deste artigo faz parte da dissertação de mestrado “Pluralismo Religioso e a Bíblia: uma união possível? Um estudo em passagens do Novo Testamento em contraste com a Teologia do Pluralismo Religioso”.

<sup>2</sup> O autor é Mestre em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (FBP) e Bacharel em Administração de Empresas pela UNISC. Pastor na Igreja Batista Pioneira em Santa Bárbara do Sul, professor e coordenador de extensão na FBP. E-mail: gabriel@batistapioneira.edu.br

## RESUMO

A Teologia do Pluralismo Religioso (TPR) é uma linha teológica que teve um aumento em sua aceitação nas últimas décadas e representa um grande desafio para a igreja contemporânea. A pesquisa demonstra como a TPR desenvolveu-se nos contextos católico e protestante. O Pluralismo difere-se do Exclusivismo e do Inclusivismo. O Exclusivismo está relacionado com a ideia de que há apenas uma religião verdadeira. O Inclusivismo, em seus diversos desdobramentos, afirma que a salvação de Cristo se estende também a outras religiões na medida em que estas encontram seu “cumprimento” ou “aperfeiçoamento” na mensagem cristã. O Pluralismo, contudo, defende que não há uma religião verdadeira apenas, mas que podem haver muitos e diferentes caminhos para a salvação. O trabalho mostra ainda reações da TPR nos contextos católicos e protestantes. Conclui-se que os princípios da TPR divergem e mostram-se incompatíveis com o Cristianismo tradicional.

**Palavras-chave:** Pluralismo. Inclusivismo. Exclusivismo. Teologia do Pluralismo Religioso.

## ABSTRACT

The Theology of Religious Pluralism (TRP) is a theological line that became more accepted in the last decades and is a great challenge for the contemporary church. This research demonstrates how the TRP was developed in the catholic and protestant contexts. Pluralism differs from Exclusivism and Inclusivism. Exclusivism relates to the idea that there is only one true religion. Inclusivism, in his multiple variants, affirms that Christ's salvation also reaches other religions while those religions find their fulfillment in the Christian message. Pluralism, however, argues that there is no one true religion only, but many, and that it can be multiple and varied

ways to salvation. This paper also shows some reactions to TRP in the catholic and protestant contexts. The conclusion is that TRP principles differ and are not compatible with the traditional Christianity.

**Keywords:** Pluralism. Inclusivism. Exclusivism. Theology of Religious Pluralism.

## INTRODUÇÃO

A Teologia do Pluralismo Religioso ganhou força nas últimas décadas. Seus princípios têm sido adotados e defendidos por um considerável número de teólogos, tanto no contexto católico quanto protestante. Para os teólogos adeptos dessa linha, trata-se do rumo necessário para a teologia deste século. Ao mesmo tempo, tais posições têm recebido críticas por parte de teólogos mais conservadores. O tema merece reflexão e a questão é bastante profunda, pois envolve principalmente os conceitos de revelação e salvação.

Ditos populares como “todos os caminhos levam a Deus”, ou “todos são filhos de Deus” já se tornaram comuns e contrariá-los tornou-se quase um “pecado”. Influências do pensamento pós-moderno têm produzido expressões como “a verdade é relativa”, ou “cada um tem a sua verdade”. Nesses casos, como um cristão deve se posicionar? Discernir como compartilhar o Evangelho em um contexto pluralista também representa um desafio. A igreja precisa dialogar com outras religiões e culturas, mas não deve abrir mão daquilo que a define, ou correrá o risco de perder sua mensagem “no meio do caminho”. Caso isso ocorra, o próprio diálogo se tornará algo sem sentido.

Nesta pesquisa, será demonstrado como a Teologia do Pluralismo Religioso se desenvolveu e qual o seu impacto sobre as principais doutrinas do cristianismo. Obviamente, a pesquisa não esgota o tema nem soluciona todas as questões existentes. Mas, humildemente, espera-se que seja benéfica à igreja brasileira, especialmente àqueles que têm se dedicado ao estudo teológico.

## 1. DEFININDO A TEOLOGIA DO PLURALIS- MO RELIGIOSO (TPR)

O pluralismo religioso representa um grande desafio para o cristianismo. O mundo pós-moderno se caracteriza por uma pluralidade irreversível de culturas, religiões e cosmovisões.<sup>3</sup> Nesse contexto, Claude Geffré, teólogo que se dedicou por muitos anos ao estudo do fenômeno da pluralidade religiosa, afirma que o pluralismo “tornou-se destino inevitável de nossa fé e de nossa teologia”<sup>4</sup> e também “um desafio mais amedrontador para a fé cristã do que o ateísmo moderno”.<sup>5</sup>

O termo “pluralismo”, em si, possui um significado amplo. Torna-se necessário diferenciar o “pluralismo de fato” do “pluralismo de princípio”. O “pluralismo de fato” se refere à realidade plural em que a sociedade vive atualmente. A globalização fez com que a convivência com outras línguas, culturas e religiões se intensificasse e, nesse sentido, não é mais possível fugir do pluralismo. Segundo Faustino Teixeira, cerca de dois terços da população mundial não conhece a Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, os próprios grupos cristãos se encontram divididos.<sup>6</sup> Os católicos constituem somente 18% da população e já foram ultrapassados pelos muçulmanos. Somente na América Latina, a pluralidade é tão grande que se torna praticamente impossível fazer um mapeamento do sagrado.<sup>7</sup>

Conforme afirma Geffré, embora o cristianismo (com todas as suas ramificações) continue sendo a primeira religião do

<sup>3</sup> MÜNSTER, Johann B. Metz. La compasión: un programa universal del cristianismo en la época de pluralismo cultural y religioso. *Revista Latinoamericana de Teología*. Ano XIX, v. 19, n. 55, jan./abr. 2002, p. 25.

<sup>4</sup> GEFFRÉ, Claude. A fé na era do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 61.

<sup>5</sup> GEFFRÉ, Claude. O lugar das religiões no plano da salvação. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 112.

<sup>6</sup> TEIXEIRA, Faustino. A experiência de Deus nas Religiões. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2000. v. 3, n. 1, 1. sem. 2000, p. 113-114.

<sup>7</sup> SOUZA, Sandra Duarte de. Pluralismo religioso: uma introdução ao tema. *Via Teológica*. Faculdade Teológica Batista do Paraná, 2006. v. 2, n. 4, dez. 2006, p. 33.

mundo com mais de dois bilhões de fiéis, o islamismo tem alcançado novos territórios e já conta com mais de um bilhão de crentes. Da mesma maneira, outras religiões como o hinduísmo e budismo são professadas por milhões de asiáticos e tem alcançado novos adeptos na Europa e na América do Norte. Cada vez mais as religiões não cristãs têm adquirido uma consciência mais viva da relatividade histórica do cristianismo. Portanto, o desenvolvimento de uma maneira correta de lidar com a pluralidade em todos os sentidos, inclusive no âmbito religioso é imprescindível.<sup>8</sup>

O “pluralismo de princípio”, por sua vez, representa a aceitação da pluralidade nas mais diferentes áreas como algo benéfico. No campo da religião, a pluralidade deixa de ser vista como algo negativo e passa a ser tratada como natural, lógica, consentida e reconhecida como positiva.<sup>9</sup> Assim, o pluralismo de princípio se manifesta através da abertura para a convivência pacífica entre as diferentes visões religiosas. Em vez de “demonizar” as demais religiões, passa-se a desenvolver um diálogo em condições de igualdade com as demais religiões, objetivando, em ambos os lados, ampliar a visão para novos horizontes. Nesse contexto, ninguém pode partir do pressuposto de que sua religião é a detentora da verdade, mas deve entender que elementos da verdade última podem estar presentes também nas diferentes culturas religiosas.<sup>10</sup>

Conforme Paul Knitter, o paradigma pluralista capacita e desafia a igreja a reconhecer que a missão é o diálogo.<sup>11</sup> No pluralismo, o conceito de missão evangelizadora é substituído pelo

<sup>8</sup> GEFFRÉ, Claude. A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Vozes, 2005. n. 311, 2005/3, p. 16.

<sup>9</sup> VIGIL, José Maria. Desafios de la teología del pluralismo religioso a la fe tradicional. *Horizonte: Revista do Núcleo de Estudos em Teologia*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005. v. 4, n. 7, dez. 2005, p. 34.

<sup>10</sup> TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 34, n. 93, p. 155-177, 2002, p. 64-65.

<sup>11</sup> KNITTER, Paul F. A transformação da missão no paradigma pluralista. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, Petrópolis, n. 319, p. 99-109, 2007/1.

objetivo de um diálogo inter-religioso. Este não visa à conversão ou à troca de religião do outro, mas que cada um dos lados descubra mais de Deus em sua própria religião.<sup>12</sup>

Obviamente é necessária a elaboração de uma teologia que oriente o diálogo e a relação entre as diferentes religiões. Assim, surge a Teologia Pluralista (TP) ou Teologia do Pluralismo Religioso (TPR). Esta também é chamada de Teologia das Religiões, pois indica como os teólogos devem lidar com a realidade da pluralidade religiosa. Muitos costumam associar o nascimento da Teologia das Religiões com o livro de H. R. Schlette, publicado em 1963 com o título “*Le religioni come tema dela teologia*”.<sup>13</sup>

Na verdade, não existe apenas uma TPR, mas diferentes posturas que se caracterizam por diferentes níveis de aceitação das demais religiões. Essas posturas variam do exclusivismo (ou particularismo), passando pelo inclusivismo em suas diferentes ramificações, chegando até o pluralismo em si que representa a aceitação total da pluralidade religiosa como algo positivo.<sup>14</sup> Essa postura pluralista requer uma releitura do que de fato significa ser cristão, ou mesmo do que significa o testemunho do evento da ressurreição apresentado nas Escrituras. As diferentes posições, ou diferentes teologias do pluralismo religioso produzem interpretações distintas das doutrinas fundamentais do cristianismo. A teologia própria, a cristologia, a bibliologia, a eclesiologia, a pneumatologia, a escatologia, a hamartiologia e especialmente a missiologia, e a soteriologia acabam sendo reinterpretadas sob uma nova ótica.

Para os teólogos do pluralismo religioso, essa reinterpretação das doutrinas do cristianismo é não somente necessária, mas também positiva. Ela ocorre não com base somente nas

<sup>12</sup> PANASIEWICZ, Roberlay. Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2. sem. 2003, p. 39.

<sup>13</sup> VIGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefas para a teologia para uma releitura pluralista do cristianismo. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, Petrópolis, n. 319, 2007/1, p. 33.

<sup>14</sup> MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 203.

Escrituras, mas também no diálogo exercido com as diferentes religiões. Nas palavras de Teixeira:

Todos os fundamentos e tratados da teologia são revolidos e provocados ao exercício de ampliar o olhar. A compreensão da verdade religiosa sai também enriquecida, percebida agora como dinâmica processual: uma “verdade plural” que vai sendo desvelada ao longo do processo de conversação inter-religiosa.<sup>15</sup>

Assim como Teixeira, José Maria Vigil também defende a necessidade de uma releitura do cristianismo de um modo pluralista. Segundo ele, isso requer a abertura para “crer de outra maneira”. Em suas palavras, é necessário ser cristão renunciando ao “mito da superioridade religiosa” e à consciência de que o cristianismo seria a religião verdadeira e absoluta.<sup>16</sup>

## 2. ORIGENS DA TPR

Embora a pluralidade religiosa não seja algo novo e exista desde os tempos mais antigos da história da humanidade, foi o fenômeno da globalização que intensificou a necessidade de relacionamento entre as diferentes religiões e culturas. Até pouco tempo atrás as sociedades se caracterizavam por certa homogeneidade e estabilidade local. Nos últimos anos, contudo, a evolução dos meios de transporte e de comunicação provocou a “globalização” da sociedade, tornando a pluralidade religiosa um fenômeno característico das sociedades atuais.<sup>17</sup> Hoje, o cristianismo se encontra rodeado por outras religiões que também oferecem respostas para questões que estão além da racionalidade científica e técnica. São respostas para perguntas como: qual o sentido da vida? Qual a razão do sofrimento e da morte,

<sup>15</sup> TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. In: Concilium: Revista Internacional de Teologia, Petrópolis, n. 319, 2007/1, p. 32

<sup>16</sup> VIGIL, 2007, p. 40.

<sup>17</sup> VIGIL, 2005, p. 31-32.

ou o que há depois dela?<sup>18</sup>

Somando-se a isso, a Pós-Modernidade, com a negação das meta-narrativas, desafiou posicionamentos até então entendidos como adequados, exigindo uma abertura maior para as outras formas de pensar e de compreender a realidade. O conjunto de todas essas mudanças contribuiu para o surgimento e desenvolvimento da Teologia do Pluralismo Religioso.

Eduardo Pedreira, no primeiro capítulo de seu livro “Do confronto ao encontro”, defende que o diálogo inter-religioso não surgiu apenas de uma reflexão teológica alheia à prática, mas a partir da realidade nos campos missionários. Isso porque, ao entrarem em contato com outra cultura e outras religiões, os missionários perceberam a necessidade de dialogar com essas realidades diferentes. Posteriormente, essas experiências acabaram sendo sistematizadas no contexto teológico, tanto católico como protestante.<sup>19</sup> Ainda assim, é necessário destacar que a visão pluralista se desenvolveu de maneira diferente nos contextos católico e protestante. Por esse motivo será apresentado a seguir um breve esboço do desenvolvimento da Teologia do Pluralismo Religioso em ambos os contextos.

228

## 2.1 NO CONTEXTO CATÓLICO

No princípio de sua história, a igreja manteve a posição de que “fora da igreja não há salvação”. Essa posição foi defendida por Cipriano, bispo de Cartago, ainda no século III, mesmo antes do cristianismo ter sido instituído como religião oficial do Império Romano. No ano 251 d.C., Cipriano convocou o Concílio de Cartago no qual apresentou seu trabalho principal intitulado “Unidade da Igreja”. Nele, Cipriano argumentava que a igreja é uma instituição divina, a “noiva de Cristo”, e que pode haver

<sup>18</sup> MIRANDA, 2003, p. 33.

<sup>19</sup> PEDREIRA, Eduardo Rosa. Do confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1999.

somente uma noiva. Segundo ele, não seria possível viver a vida cristã sem participar da igreja.<sup>20</sup>

Algumas afirmações de Cipriano como “fora da igreja não há salvação” e “ninguém pode ter Deus como Pai se não tiver a igreja como mãe” se tornaram bastante conhecidas.<sup>21</sup> Cipriano foi martirizado no ano 258 d.C. e durante muitos séculos essa foi a posição dominante no contexto católico.<sup>22</sup>

Séculos mais tarde, no ano de 1517, Martinho Lutero fixou as suas 95 teses na porta da igreja de Wittenberg. Esse ato foi o marco da Reforma Protestante, um movimento que gerou um grande rompimento na igreja católica.<sup>23</sup> Em resposta, no ano de 1545 a Igreja Católica realizou o Concílio de Trento.<sup>24</sup> Nessa época, e de maneira mais significativa após o Concílio, a eclesiologia católica manteve uma perspectiva muito negativa com relação às demais religiões.<sup>25</sup>

Em 1943 o papa Pio XII publicou a encíclica “*Divino Aflante Spiritu*”, dando maior abertura no contexto católico para os métodos científicos ou críticos de acesso à Escritura.<sup>26</sup> Posteriormente, em 1949, o Santo Ofício condenou a opinião do padre jesuíta Leonard Feeney S. J., segundo a qual seria absolutamente necessário para a salvação individual o pertencimento visível à Igreja.<sup>27</sup> Tais fatos indicavam que mudanças estavam ocorrendo.

Foi em abril de 1961, em uma conferência realizada em Eichstätt (Baviera), que o teólogo católico Karl Rahner falou da necessidade de um “catolicismo aberto”, capaz de confrontar o

<sup>20</sup> CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003, p. 32-33.

<sup>21</sup> CURTIS, 2003, p. 32-33.

<sup>22</sup> WALKER, W. et al. História da igreja cristã. São Paulo: ASTE, 2006, p. 100.

<sup>23</sup> CURTIS, 2003, p. 110.

<sup>24</sup> CURTIS, 2003, p. 120-122.

<sup>25</sup> TEIXEIRA, 1993, p. 142-143.

<sup>26</sup> VIGIL, José Maria. Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006, p. 96.

<sup>27</sup> GEFFRÉ, 1997, p. 116.

imperativo do pluralismo religioso.<sup>28</sup> Ele chegou a afirmar algo que foi surpreendente para os cristãos da época: “Que a graça de Deus age nas religiões”.<sup>29</sup>

Teixeira resume a posição de Rahner nas seguintes palavras:

Para Rahner (...) a experiência originária de Deus, de sua autocomunicação pode ser atemática, anônima mas real, onde quer que se desenvolva a experiência humana. Homens e mulheres podem, segundo Rahner, serem considerados “cristãos anônimos” quando mediante a fé, esperança e caridade, tenham aceito livremente a oferta da autocomunicação de Deus, mesmo que do ponto de vista social (através do batismo e a pertença a Igreja) e de sua consciência objetiva (através de uma fé explícita, nascida da escuta da mensagem cristã) não tenham tematicamente assumido o cristianismo.<sup>30</sup>

Até então os católicos haviam ouvido que pessoas de outras religiões podiam se salvar através do “batismo de desejo”.<sup>31</sup> Rahner, contudo, levou esse conceito ainda além ao dizer que estes possuíam seu próprio batismo dentro de sua religião. Significava que pessoas de outras religiões poderiam se salvar não “apesar” de sua religião, mas “por causa” dela.<sup>32</sup>

Foi no ano seguinte à conferência em Eichstätt, a partir da tese de Rahner sobre o “cristianismo anônimo” e do Concílio Vaticano II, que o clamor vindo dos campos missionários católicos foi atendido e a igreja abriu as janelas para que os ares do diálogo viessem a “arejar a teologia católica das religiões”.<sup>33</sup> O Concílio Vaticano II, que aconteceu entre os anos de 1962 e 1965,

<sup>28</sup> TEIXEIRA, 2007, p. 24.

<sup>29</sup> KNITTER, Paul. Introdução às teologias das religiões. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 118.

<sup>30</sup> TEIXEIRA, Faustino. O diálogo como linguagem evangelizadora. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 145.

<sup>31</sup> A Igreja Católica define o batismo de desejo como sendo a incorporação de Cristo através do desejo consciente ou anelo pelo batismo sacramental.

<sup>32</sup> KNITTER, 2008, p. 120.

<sup>33</sup> PEDREIRA, 1999, p. 49.

promoveu os seguintes avanços em direção a uma abertura para as outras religiões: 1) reconheceu a ação universal do Espírito Santo; 2) reconheceu que, mesmo de maneira misteriosa, existe salvação fora da Igreja; e; 3) reconheceu que há elementos de verdade e santidade nas outras religiões.<sup>34</sup> Cabe destacar que na longa história dos concílios católicos, esse foi o primeiro a tratar de modo positivo as outras religiões.<sup>35</sup>

Geffré afirma que o Vaticano II não chegou a elaborar uma teologia das religiões, mas propôs “uma certa ética do diálogo inter-religioso que deve ser sinal de respeito e apreço relativamente às outras religiões”. Para ele, o concílio se absteve de afirmar, ao contrário do que fariam outros teólogos posteriormente, que as religiões não-cristãs são “verdadeiros caminhos de salvação”.<sup>36</sup> Em suas palavras:

Após o Vaticano II, a teologia católica procurou ultrapassar uma concepção absolutista do cristianismo, que coincidia com um eclésiocentrismo estreito (“Fora da Igreja não há salvação”) para adotar uma atitude de respeito e estima em relação as outras tradições religiosas. Sem chegar a ponto de considerar as religiões não cristãs como “caminhos de salvação”, o magistério católico reconheceu que elas eram portadoras de “valores salutareis”. E a palavra “diálogo” tornou-se palavra-chave, até mesmo um slogan de toda uma literatura católica, em particular missionária.<sup>37</sup>

Na opinião de Teixeira, embora o Vaticano II tenha representado “o primeiro passo de abertura para o reconhecimento do valor das outras religiões, a consciência dos cristãos sempre esteve muito marcada pela força e sedução do tradicional axioma ‘*extra ecclesiam nulla salus*’ (*fora da igreja não há salvação*)”.

<sup>34</sup> PEDREIRA, 1999, p. 49.

<sup>35</sup> DUPUIS, Jacques. O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 80.

<sup>36</sup> GEFFRÉ, 1997, p. 117.

<sup>37</sup> GEFFRÉ, 1993, p. 61-62.

*Para ele, “os documentos do magistério eclesial católico-romano (...) estão ainda muito marcados pela presença de uma linguagem ofensiva e deletária com respeito às outras tradições religiosas”.*<sup>38</sup>

Mesmo reconhecendo e valorizando os elementos de santidade e verdade das outras religiões, o Concílio Vaticano II não adotou uma posição totalmente pluralista, mas manteve uma perspectiva claramente cristocêntrica, sem responder à questão de como o mistério salvador de Jesus Cristo opera nos membros de outras tradições religiosas.<sup>39</sup>

Alguns anos mais tarde, em 1984, o secretariado para os não crentes, do Vaticano, publicou o documento “A igreja e as outras religiões”. No documento, sugere que a missão da igreja deve incluir não só a proclamação da boa-nova de Jesus Cristo mas, e de igual forma, o diálogo com a boa-nova presente em outras religiões.<sup>40</sup> Dois anos depois, em 1986, outro fato marcante: o Papa João Paulo II encontrou-se, no congresso de Assis, com representantes de outras religiões para orar pela paz.<sup>41</sup>

Em 1990, o Papa João Paulo II publicou a encíclica “*Redemptoris missio*”. No ano seguinte, em 1991, o Conselho para Diálogo e Inter-Religioso e a Congregação para a Evangelização dos Povos publicou um documento chamado “*Diálogo e anúncio*”. Sobre tais documentos, Knitter escreve:

A encíclica do papa João Paulo II *Redemptoris Missio* (RM) de 1990 e a declaração *Diálogo e Anúncio* (DA), publicada conjuntamente em 1991 pelo Conselho para o Diálogo Inter-religioso e pela Congregação para a Evangelização dos Povos, despejaram o que eu chamaria de bombas revolucionárias sobre as concepções tradicionais tanto de missão como de diálogo. Ambos os documentos

<sup>38</sup> TEIXEIRA, 2007, p. 25.

<sup>39</sup> TEIXEIRA, 1993, p. 148.

<sup>40</sup> KNITTER, Paul F. A transformação da missão no paradigma pluralista. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, Petrópolis, n. 319, 2007/1, p. 102-103.

<sup>41</sup> AMALADOSS, Michael. O pluralismo das religiões e o significado de Cristo. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 91.

*afirmam que a ‘missão evangelizadora’ da Igreja deve incluir não só a proclamação da Boa-Nova de Jesus (essa é a concepção tradicional de missão), mas também, e com igual ênfase, o diálogo com a boa-nova presente em outras religiões (essa é a bomba!). Os missionários devem não só proclamar e ensinar, mas também ouvir e aprender.<sup>42</sup>*

Embora tenham ocorrido grandes mudanças no contexto católico após a realização do Concílio Vaticano II, ainda assim a posição da ICAR não agradou totalmente aos teólogos do pluralismo religioso. John Hick, teólogo de origem protestante e um dos mais eminentes defensores do pluralismo religioso, ao comentar sobre a encíclica “*Redemptoris missio*” de João Paulo II, mostra insatisfação com a posição da igreja católica em relação ao diálogo com as outras religiões. Isso porque na encíclica o Papa afirma que “o diálogo deve ser conduzido e implementado com a convicção de que a Igreja é o meio ordinário da salvação e que somente ela possui a plenitude dos meios de salvação”.<sup>43</sup>

Mesmo com os limites estabelecidos pela cúpula do catolicismo romano, o pluralismo religioso continuou se desenvolvendo no meio católico, principalmente por teólogos do chamado Terceiro Mundo. Logo, o pluralismo religioso passou também a ser visto como um desafio para as teologias contextuais libertadoras. Teólogos da Teologia da Libertação perceberam a necessidade de uma teologia inter-religiosa capaz de falar aos pobres do mundo em sua linguagem, a inter-religiosa. A Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT/EATWOT) liderou esse movimento e passou a promover um encontro entre a Teologia da Libertação e a Teologia do Pluralismo Religioso.<sup>44</sup> Entre suas publicações de maior destaque encontram-se a série

<sup>42</sup> KNITTER, 2007, p. 102.

<sup>43</sup> HICK, John. A metáfora do Deus encarnado. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 121.

<sup>44</sup> VIGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefas para a teologia para uma releitura pluralista do cristianismo. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Petrópolis, n. 319, 2007/1, p. 38-39.

“Pelos muitos caminhos de Deus”<sup>45</sup>, composta por cinco livros cujo primeiro foi lançado em 2003, e a revista VOICES.<sup>46</sup> Todas as publicações abordam temas relacionados à Teologia da Libertação e sua relação com a Teologia do Pluralismo Religioso.

## 2.2 NO CONTEXTO PROTESTANTE

O início do movimento protestante é marcado pelo episódio em que Martinho Lutero, descontente principalmente com os abusos que estavam sendo praticados no meio católico através da venda de indulgências, fixou suas 95 teses na porta da igreja de Wittenberg em 1517.<sup>47</sup> Entre as diversas mudanças promovidas pelo protestantismo, destaca-se a ênfase nas chamadas “cinco solas”. *Trata-se de cinco frases latinas que definem princípios fundamentais que foram seguidos pelos Reformadores do séc. XVI. Entre as cinco solas encontra-se a declaração Solo Christus, que indica que a salvação se dá somente através de Cristo.*<sup>48</sup>

Enquanto no contexto católico a igreja atua com função normativa para a teologia e seus documentos constituem marcos bem definidos, no protestantismo, embora inicialmente os princípios fundamentais da reforma tenham sido suficientes para manter certa unidade, as diferentes posições quanto à interpretação das Escrituras acabaram por gerar certa fragmentação.<sup>49</sup> Pedreira, no segundo capítulo de seu livro, sintetiza o desenvolvimento da teologia protestante em quatro fases distintas: 1) teologia ortodoxa, do século XVII ao XVIII; 2) teologia liberal, a partir do século XIX; 3) neo-ortodoxia e *mainline protes-*

<sup>45</sup> Os livros da série encontram-se disponíveis em: <<http://tiempoaxial.org/PelosMuitosCaminhos/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

<sup>46</sup> A revista VOICES encontra-se disponível em: <<http://internationaltheologicalcommission.org/VOICES/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

<sup>47</sup> WALKER, W. et al. História da igreja cristã. São Paulo: ASTE, 2006, p. 499.

<sup>48</sup> Os cinco solas são: *Sola Scriptura, Solo Christus, Sola Gratia, Sola Fide e Soli Deo Glória*. Eles encontram-se expressos na Declaração de Cambridge, disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao\\_cambridge.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_cambridge.htm)>. Acesso em: 14 fev. 2014.

<sup>49</sup> PEDREIRA, Eduardo Rosa. Do confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 75.

tante; e 4) surgimento dos movimentos fundamentalista, evangélico e ecumênico.<sup>50</sup>

A teologia ortodoxa protestante, marcada especialmente pelos cinco *solas*, caracterizou-se como um modelo exclusivista e ainda é mantido por grande parte dos protestantes de tradição evangélica.<sup>51</sup> Contudo, com a chegada do Iluminismo surgiu um movimento que tinha como objetivo a “superação da ilustração”. Esse movimento, dinamizado por Schelling (1775-1854) e Schleiermacher (1768-1834), acabou se desenvolvendo e sendo conhecido como liberalismo teológico. São características do liberalismo teológico: 1) uso do método histórico-crítico e seus resultados; 2) relativização da tradição dogmática da igreja, em particular da cristologia; e 3) releitura ética do cristianismo.<sup>52</sup>

Através do liberalismo teológico, a teologia cristã também recebeu um novo incentivo para um conhecimento mais objetivo e profundo das religiões.<sup>53</sup> Foi nesse contexto que se deu a primeira tentativa de harmonização da religião cristã com a consciência cultural do tempo, o que levou a uma reinterpretção do cristianismo como expressão da religiosidade do ser humano.<sup>54</sup>

Adolf von Harnack (1851 – 1930), um dos expoentes da teologia liberal, afirmou que o dogma da igreja é resultado do processo de helenização da mensagem cristã. Jesus, segundo ele, se transformou no Cristo pregado, o que também exige que a fé se torne um dogma.<sup>55</sup> Anos mais tarde, em outubro de 1965

<sup>50</sup> Aqui pode-se citar Karl Barth como representante a neo-ortodoxia e Emil Brunner como sendo quem lançou as bases para o que é chamado de *mainline* protestante quando rompeu com a neo-ortodoxia por causa da revelação geral. Mais tarde, Paul Tillich e Wolfhart Pannenberg viriam a construir a chamada *mainline* protestante.

<sup>51</sup> DUPUIS, Jacques. O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 77.

<sup>52</sup> TEIXEIRA, Faustino. Teologia das religiões: uma visão panorâmica. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 34.

<sup>53</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 32-33.

<sup>54</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 33.

<sup>55</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 35.

em uma conferência na Universidade de Chicago, Paul Tillich (1886 – 1965), outro teólogo de destaque no contexto protestante, defendeu a presença reveladora e salvífica de Deus nas outras tradições religiosas.<sup>56</sup>

Essa conferência realizada por Tillich em 12 de outubro de 1965 tinha como tema “O significado da história das religiões para a teologia sistemática”. Nela, Tillich afirmou também que gostaria de reescrever sua teologia sob uma nova perspectiva do diálogo inter-religioso. Tillich não sabia que essa seria sua última conferência e que esse seria considerado seu “testamento teológico”, mas acabou por “profetizar” o movimento que viria a tomar força posteriormente.<sup>57</sup> A respeito da visão de Tillich com relação a outras religiões, Pedreira escreve:

A visão de Tillich da relação do cristianismo com as outras religiões envolve ao mesmo tempo uma aceitação e uma rejeição. Não se trata de uma negação total (como no exclusivismo), nem de uma tolerância aberta, mas de uma relação dialógica, uma dialética que inclui aceitação e rejeição, com as tensões, incertezas e mudanças que a dialética implica. Segundo Tillich, esta teria sido a ótica dominante do cristianismo com relação às outras religiões ao longo da história. A visão de que o cristianismo seria essencialmente exclusivista teria se formado em virtude da postura da Igreja na idade média.<sup>58</sup>

Pedreira também cita que, conforme a posição de Tillich, devem haver quatro pressupostos para o diálogo entre as religiões: 1) que ambos os parceiros reconheçam o valor da outra convicção religiosa; 2) que cada parceiro apresente e represente sua base religiosa com convicção; 3) que os parceiros partam de uma base comum, por meio da qual tanto o diálogo quanto o conflito

<sup>56</sup> TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, Petrópolis, n. 319, 2007/1. p. 24-25.

<sup>57</sup> VIGIL, José Maria. Desafios de la teología del pluralismo religioso a la fe tradicional. *Horizonte: Revista do Núcleo de Estudos em Teologia*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005. v. 4, n. 7, dez. 2005, p. 30-31.

<sup>58</sup> PEDREIRA, 1999, p. 91.

sejam possíveis; e 4) que ambos estejam abertos a acolher as críticas direcionadas a suas bases religiosas.<sup>59</sup>

Da mesma forma que Tillich, o teólogo brasileiro Faustino Teixeira defende o diálogo inter-religioso em seus escritos. Segundo ele, o verdadeiro diálogo pressupõe um esforço para que se possa “colher a experiência do outro” em seu próprio lugar de realização. Para isso, é necessário que haja empatia e simpatia interior.<sup>60</sup> Teixeira também sintetiza as condições para o diálogo inter-religioso em cinco atitudes: 1) humildade; 2) reconhecimento do valor da alteridade; 3) fidelidade à própria tradição; 4) abertura à verdade; e 5) capacidade de compaixão.<sup>61</sup>

Embora no contexto protestante tenham ocorrido reações ao liberalismo teológico, especialmente através da neo-ortodoxia de Barth e, posteriormente, dos movimentos fundamentalistas, foi sobre as bases do liberalismo teológico protestante que a Teologia do Pluralismo Religioso encontrou um terreno fértil para o seu desenvolvimento. Um dos teólogos de maior destaque quando se fala de pluralismo religioso é John Hick que, apesar de ter iniciado sua carreira seguindo uma linha teológica protestante e fundamentalista, acabou tornando-se um teólogo bastante liberal e um dos maiores defensores do pluralismo religioso.<sup>62</sup> Para Hick, a cultura desempenha um papel central na maior parte das crenças religiosas e, portanto, a grande maioria das crenças seria determinada pela educação e pelo meio cultural.<sup>63</sup>

Hick não defende que todas as religiões sejam necessariamente boas, mas concentra-se nas grandes religiões mundiais que inegavelmente contribuíram ao longo dos séculos para a formação da consciência religiosa dos povos, bem como dos

<sup>59</sup> PEDREIRA, 1999, p. 96.

<sup>60</sup> TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2. sem. 2003, p. 29.

<sup>61</sup> TEIXEIRA, 2003, p. 27.

<sup>62</sup> MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 201.

<sup>63</sup> MILLER; GRENZ, 2011, p. 206.

ideais morais. Ele acredita que há um período na história humana marcado pelo aprofundamento da consciência religiosa. Trata-se do que ele chama de “era axial”, que teria ocorrido de 800 a 200 a.C., período de tempo em que se formaram religiões como o confucionismo, taoísmo, budismo, upanishads hindus, bhagavad gita, zoroastrismo, além de Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles, bem como boa parte da Escritura Hebraica.<sup>64</sup>

### 3. UM COMPARATIVO ENTRE AS TRÊS POSTURAS TRADICIONAIS

Como é possível perceber, atualmente é preciso lidar não somente com a pluralidade de religiões, mas também com a pluralidade de formas de conceber a pluralidade das religiões.<sup>65</sup> Por isso, após a apresentação do desenvolvimento dos princípios pluralistas dentro dos contextos católico e protestante, será feita uma sistematização das diferentes formas de compreensão da pluralidade religiosa.

Dentre as formas de classificação das diferentes teologias do pluralismo religioso, a mais simples e pedagógica foi elaborada por J. P. Schineller e elenca as diferentes posturas em três grandes grupos: 1) exclusivismo (ou particularismo); 2) inclusivismo; e 3) pluralismo.<sup>66</sup>

É preciso reconhecer que entre os autores há algumas variações na forma de classificação. Jacques Dupuis, por exemplo, comenta que as diferentes percepções sobre o significado de Cristo formaram quatro opiniões principais entre os teólogos: 1) um universo eclesiocêntrico e uma cristologia exclusiva; 2) um universo cristocêntrico e uma cristologia inclusiva; 3) um universo teocêntrico e uma cristologia normativa; ou 4) um universo

<sup>64</sup> MILLER; GRENZ, 2011, p. 207.

<sup>65</sup> VIGIL, José Maria. Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006, p. 68.

<sup>66</sup> VIGIL, 2007, p. 34.

teocêntrico e uma cristologia não-normativa.<sup>67</sup>

O próprio Dupuis também afirma que, com o objetivo de simplificar, outros autores classificaram os grupos apenas em: 1) eclesiocentrismo (exclusivismo); 2) cristocentrismo (inclusivismo); e 3) teocentrismo (pluralismo). Ele deixa claro que nenhum dos modelos (exclusivista, inclusivista ou pluralista) é monopólio de um grupo religioso (católico ou protestante).<sup>68</sup> Segundo ele:

O modelo inclusivo, aliás, embora proposto por grande número de teólogos católicos, não é monopólio deles, assim como o modelo pluralista, não o é dos protestantes liberais. Ambos os modelos, propostos, aliás, com sensíveis variantes, são defendidos por autores pertencentes a diferentes tradições eclesiais.<sup>69</sup>

Paul Knitter, outro importante teólogo do pluralismo religioso, elabora, em seu livro “Introdução às teologias das religiões”, uma classificação para as diferentes posturas com relação ao pluralismo religioso. Segundo ele, as posturas podem ser classificadas como: 1) substituição total, na qual se defende que a verdade só se encontra em Cristo e nas Escrituras cristãs (posição de teólogos como Karl Barth); 2) substituição parcial, na qual há uma abertura para a verdade presente nas outras religiões, mas a salvação ocorre somente por meio de Cristo; 3) complementação, na qual se entende que as outras religiões encontram sua complementação ou cumprimento em Cristo, mesmo que anonimamente (trata-se da posição de Karl Rahner); 4) mutualidade, na qual se defende a existência de múltiplas religiões verdadeiras; e 5) aceitação, uma teologia pós-moderna que afirma ser impossível que uma religião possa compreender totalmente a outra, havendo a necessidade de aceitação mútua.<sup>70</sup>

<sup>67</sup> DUPUIS, 1993, p. 76.

<sup>68</sup> DUPUIS, 1993, p. 76.

<sup>69</sup> DUPUIS, 1993, p. 78.

<sup>70</sup> KNITTER, Paul F. *Introdução às teologias das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.

Entre as posições listadas por Knitter, a de substituição total pode ser comparada com o modelo normalmente conhecido como exclusivista. As posições de substituição parcial e complementação representam as diferentes variações do modelo inclusivista, enquanto as posições de mutualidade e aceitação podem ser comparadas às diferentes variações do modelo pluralista.

Neste trabalho será utilizada a nomenclatura proposta por Schineller, que caracteriza diferentes posições entre exclusivismo, inclusivismo e pluralismo, em virtude de sua ampla utilização pelos diferentes autores consultados. A seguir será apresentada uma definição das três diferentes posições.

### 3.1 EXCLUSIVISMO

A posição teológica que assume que há uma única religião verdadeira é chamada de exclusivismo. Os exclusivistas assumem que somente essa religião foi revelada por Deus e possui a verdade, enquanto as demais são religiões falsas ou humanas e, portanto, incapazes de conduzir o ser humano à salvação.<sup>71</sup> No cristianismo, a posição exclusivista caracteriza-se por sustentar que o conhecimento explícito de Jesus e o pertencimento à Igreja são absolutamente necessários à salvação.<sup>72</sup>

Michael Amaladoss explica a posição exclusivista nas seguintes palavras:

Para os exclusivistas ninguém pode salvar-se, a menos que confesse explicitamente sua fé em Jesus Cristo como salvador. Outras religiões poderão conter elementos muito bons como fruto da reflexão e do esforço humano, mas não são meio de salvação. Somente a Igreja é caminho de salvação.<sup>73</sup>

<sup>71</sup> VIGIL, 2006, p. 63.

<sup>72</sup> DUPUIS, 1993, p. 76.

<sup>73</sup> AMALADOSS, 1993, p. 90.

Porém, é preciso reconhecer que a posição exclusivista se manifesta de maneira diferente nos contextos católico e protestante. No contexto católico, o exclusivismo esteve por muitos anos presente através da expressão “fora da igreja não há salvação” (embora atualmente a posição oficial da ICAR possa ser caracterizada como inclusivista, especialmente devido às mudanças ocorridas a partir do Concílio Vaticano II). Já no contexto protestante, a posição exclusivista manifesta-se pela expressão característica da Reforma: “fora de Cristo não há salvação”.

Seria incorreto pensar que a Reforma Protestante foi o elemento responsável pelo enfraquecimento da perspectiva exclusivista católica. Ao contrário, ainda que a concretização da Reforma Protestante tenha causado um impacto significativo no catolicismo, esta provocou também uma reação de fortalecimento de sua identidade e dos dogmas que haviam sido colocados em questão.<sup>74</sup>

Atualmente, a posição exclusivista é, em geral, defendida por católicos e protestantes de linha mais conservadora, ou por grupos fundamentalistas.<sup>75</sup> Ao mesmo tempo, a aceitação de perspectivas mais abertas parece aumentar. Teixeira, por exemplo, chega a afirmar que não há hoje a possibilidade de afirmação da identidade religiosa numa perspectiva absolutista que, no caso do cristianismo, coincide com um eclesiocentrismo estreito caracterizado pela expressão “fora da Igreja não há salvação”.<sup>76</sup>

### 3.2 INCLUSIVISMO

A posição teológica em que se defende que a verdade e a salvação estão plenamente presentes em uma determinada religião, mas também se fazem presentes, ainda que de maneira

<sup>74</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 38.

<sup>75</sup> Embora o termo “fundamentalismo” possa ser usado com diferentes sentidos, aqui ele caracteriza o movimento cristão que surgiu como resposta ao liberalismo teológico e que teve seu início marcado pela publicação da série de doze volumes intitulada “*The Fundamentals: a Testimony to the Truth*” durante os anos de 1910 e 1915.

<sup>76</sup> TEIXEIRA, Faustino. O cristianismo entre a identidade singular e o desafio plural. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 27, n. 71, 1995b, p. 87.

imperfeita, nas outras religiões é chamada de inclusivismo.<sup>77</sup> Os cristãos inclusivistas, por exemplo, reconhecem que o processo de salvação acontece em todo o mundo, dentro das grandes religiões mundiais e também fora delas. Contudo, insistem que, onde quer que ocorra, a salvação é sempre obra de Cristo, pois depende da sua morte expiatória no Calvário.<sup>78</sup>

A posição inclusivista possui algumas variações. Uma delas é conhecida como Teoria do Acabamento. Segundo essa posição, os valores positivos das religiões não cristãs devem ser explicitamente reconhecidos, mas também se deve entender que estas estão destinadas a encontrar seu “acabamento” ou “remate” no cristianismo.<sup>79</sup> As religiões representam o desejo inato do ser humano de se unir ao divino e essa resposta é encontrada somente em Cristo e no cristianismo. Tal posição está em ressonância com os documentos recentes da Igreja Católica, como “*Evangelii nuntiandi*” de Paulo VI (1975) e a “*Redemptoris missio*”, de João Paulo II (1991).<sup>80</sup>

Na Teoria do Acabamento (também chamada de Teoria do Cumprimento), afirma-se que existem duas vias de salvação, uma “ordinária” (cristã) e outra “extraordinária” (não cristã). Existem também dois períodos, o da “Pré-história” e o da “História”. Na Pré-história havia somente a religião natural, enquanto que na História há a presença da religião sobrenatural. As religiões de ordem natural se manifestam pela natureza e pela voz da consciência humana, enquanto o cristianismo encontra-se na ordem do sobrenatural, sendo a revelação histórica de Deus que vem ao encontro dos seres humanos.<sup>81</sup>

<sup>77</sup> VIGIL, 2006, p. 63.

<sup>78</sup> HICK, John. Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões. São Paulo: Attar, 2005, p. 44.

<sup>79</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 45-46.

<sup>80</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 46.

<sup>81</sup> DUPONT, Jair. O pluralismo religioso e o cristocentrismo. Cadernos da ESTEF. Caxias do Sul: São Miguel, 2000. n. 25. 2000/2, p. 7.

Geneviève Comeau (2000) descreve a Teoria do Acabamento (ou Teoria do Cumprimento) como a capacidade de discernir, nas diferentes civilizações e tradições religiosas da humanidade, os “ganchos” ou “sementes do Verbo”. Esses seriam os elementos de verdade e graça que atuam como uma preparação para o Evangelho. Nessa teoria, a religião não cristã passa por uma purificação através da mensagem do Evangelho. Tal posição encontra-se tanto no contexto católico como no protestante.<sup>82</sup>

Outra variação do inclusivismo é chamada de Presença de Cristo nas Religiões. Segundo essa teoria, que é defendida por Karl Rahner, as diversas tradições religiosas da humanidade são portadoras de valores soteriológicos positivos para seus membros, pois nelas e através delas se manifesta a presença operativa de Jesus Cristo e de seu mistério salvífico.<sup>83</sup> O ministério de Cristo e do seu Espírito estaria presente e operando além dos limites visíveis da Igreja, tanto na vida pessoal das pessoas como nas tradições religiosas às quais elas pertencem e das quais participam com sinceridade.<sup>84</sup>

Na Teoria da Presença de Cristo nas Religiões, todas as religiões representam intervenções de Deus na história com o propósito de promover a salvação. E todas elas estão ordenadas a Jesus Cristo. Enquanto que no cristianismo essa direção ocorre de forma explícita, nas demais ela acontece de modo misterioso e incompreensível. Afirma-se que Cristo encontra-se em todas as religiões e que todos são salvos pela adesão e prática sincera de suas tradições. A conclusão dessa teoria é que pode haver salvação sem o Evangelho, mas não sem o Cristo.<sup>85</sup> Conforme Comeau, diferentes teólogos orientaram suas investigações seguindo essa linha de pensamento.<sup>86</sup> Entre eles encontram-se

<sup>82</sup> COMEAU, Geneviève. La salvación en Cristo en un contexto de pluralismo religioso. In: *Spiritus: La misión y pluralismo religioso*. Quito: Spiritus, 2000. Ano 41/2, n. 159, jun. 2000, p. 31.

<sup>83</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 47.

<sup>84</sup> DUPUIS, 1993, p. 77.

<sup>85</sup> DUPONT, 2000, p. 8.

<sup>86</sup> COMEAU, 2000, p. 31

Raimon Panikkar, em seu primeiro livro “O Cristo desconhecido do hinduísmo”, e Jacques Dupuis, em seu livro “Jesus Cristo ao encontro das religiões”.

Teixeira, ao classificar as diferentes posições inclusivistas existentes, cita as duas posições anteriormente referenciadas (da Realização ou do Acabamento e da Presença de Cristo nas Religiões), mas inclui ainda um terceiro modelo chamado por ele de “inclusivismo aberto”. Segundo ele, o inclusivismo aberto “consiste em buscar responder positivamente ao desafio da diversidade das religiões para o cristianismo, sem romper com o inclusivismo, mas aceitando a interlocução fecundante do pluralismo”<sup>87</sup>.

Defensores do inclusivismo afirmam que este é necessário devido à tensão existente entre o exclusivismo e o pluralismo. Geffré expressa claramente esse dilema nas seguintes palavras:

Que acontece com minha fé cristã se eu considero o cristianismo uma religião entre tantas outras, se a revelação cristã (sic) não é uma manifestação definitiva e absoluta de Deus, se o Cristo não passa de uma medicação entre outras, e não Deus encarnado? Ao mesmo tempo, como falar em diálogo num plano de igualdade se desde o início estou convicto de possuir a verdade, se reivindico uma religião que é não só a única verdadeira, como também a religião absoluta?<sup>88</sup>

Independentemente da variação inclusivista adotada, para seus defensores pode haver graça e revelação nas outras religiões. Assim, as outras religiões tornam-se também meios de salvação para os que nelas creem, ainda que a salvação seja a salvação de Jesus Cristo. Pode-se dizer, portanto, que a plenitude das outras religiões se encontra no cristianismo e que Jesus Cristo é o centro da história da salvação.<sup>89</sup>

<sup>87</sup> TEIXEIRA, Faustino. A teologia do pluralismo religioso em questão. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 59, n. 235, set. 1999, p. 593-593.

<sup>88</sup> GEFFRÉ, Claude. A fé na era do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 64.

<sup>89</sup> AMALADOSS, 1993, p. 91.

No inclusivismo, é possível ainda que cristãos e outros “crentes não cristãos” construam juntos o Reino de Deus. Isso ocorre quando estes se unem espontaneamente em prol da causa dos direitos humanos, ou atuam juntos para a libertação integral de toda pessoa, em especial os pobres e oprimidos. Dessa forma, eles promoveriam também valores religiosos e espirituais.<sup>90</sup>

Nas versões mais abertas do inclusivismo, assim como no pluralismo, deve haver uma ideia de complementariedade e convergência entre o cristianismo e as demais tradições religiosas do mundo. Isso pode levar à possibilidade de um “duplo pertencimento” de um indivíduo a duas religiões distintas. Dupuis, por exemplo, trata dessa possibilidade em um artigo intitulado “*Christianity and Religions: Complementary and Convergence*”. *Na conclusão, afirma que mesmo na tradição cristã, a revelação de Jesus Cristo não possui o monopólio da verdade. Através do contato com outras tradições religiosas, os cristãos podem descobrir novas dimensões do mistério divino que eles haviam percebido de maneira menos clara ou com menor intensidade através da tradição cristã. Ao mesmo tempo eles alcançariam uma “purificação” de sua fé.*<sup>91</sup>

O questionamento feito com relação ao posicionamento inclusivista é se ele permitiria um verdadeiro diálogo. Ao se manter o status de Cristo como revelação de Deus e evento único na história, necessário para salvação, haveria espaço para as outras religiões? Como resposta a essa pergunta, Paul Knitter cita a afirmação de Dupuis de que a revelação de Jesus seria qualitativa e não quantitativa. Seria uma revelação plena de Deus, mas não a revelação total, havendo, portanto, espaço para a manifestação de Deus também nas outras religiões.<sup>92</sup>

<sup>90</sup> DUPUIS, Jacques. Cuál Iglesia y cuál misión para el Reino de Dios? In: *Spiritus: La misión y pluralismo religioso*. Quito: Spiritus, 2000. Ano 41, n. 159, jun. 2000, p. 134.

<sup>91</sup> DUPUIS, Jacques. *Christianity and Religions: Complementary and Convergence*. In: CORNILLE, Catherine (Ed.). *Many mansions? multiple religious belonging and Christian identity*. Maryknoll: Orbis, 2002, p. 74.

<sup>92</sup> KNITTER, 2008, p. 168-169.

John Hick reconhece que o posicionamento inclusivista representa o pensamento mais comum entre os cristãos da atualidade.<sup>93</sup> Porém, destaca que esse posicionamento tem sido criticado por uma minoria crescente como sendo uma forma mais branda de continuidade de um antigo “imperialismo teológico”. Ele critica a abordagem inclusivista afirmando que seria muito difícil aceitar que o efeito da morte salvífica de Cristo, que aconteceu por volta do ano 30 da era cristã, tenha efeito sobre outras tradições religiosas ainda mais antigas, como o budismo.<sup>94</sup> Em suas palavras:

A outra forma de ‘inclusivismo’ é compatível com a compreensão mais ampla de salvação/libertação, como a transformação efetiva de homens e mulheres, e finalmente, por meio deles, das sociedades. (...) Ela insiste, contudo, que as influências salvíficas da Torá, na vida dos judeus, do Islã, na vida dos muçulmanos, das práticas espirituais hinduístas, na vida dos hindus, do Baddhadharma, na vida dos budistas e assim por diante devem-se todas, em última instância, à obra salvífica de Cristo, que está operando secretamente dentro das tradições. Esta é a ideia do Cristo desconhecido do hinduísmo. (...) Aqui, Cristo tem de significar não o Jesus de Nazaré histórico, mas o Jesus ressurreto na sua divina glória, agora considerado como Cristo Celestial.<sup>95</sup>

Hick mostra que, para aceitar a concepção inclusivista do Cristo cósmico, ou Logos eterno que age em todas as religiões, é necessário aceitar uma “pluralidade de inclusivismos mutuamente inclusivos”, ou seja, diversas religiões aceitando que sua manifestação do Real seria a mesma de outras religiões. Isso, na opinião de Hick, já se move em direção ao pluralismo que ele deseja sugerir. Assim, ele conclui que “o inclusivismo religioso é uma concepção vaga que, quando é pressionada a aclarar-se, se move na direção do pluralismo”.<sup>96</sup>

<sup>93</sup> HICK, 2000, p. 121.

<sup>94</sup> HICK, 2005, p. 45-46.

<sup>95</sup> HICK, 2005, p. 47.

<sup>96</sup> HICK, 2005, p. 47.

### 3.3 PLURALISMO

A posição teológica pluralista defende que todas as religiões participam da salvação de Deus, cada qual a seu modo.<sup>97</sup> Seus adeptos afirmam que Deus se manifestou e se revelou de diversas maneiras aos diversos povos. Assim, não é possível afirmar que Jesus Cristo, por exemplo, tenha um papel final na ordem da salvação, pois Deus salva as pessoas através de suas próprias tradições.<sup>98</sup> Partindo do princípio de que a pluralidade religiosa é uma realidade, os pluralistas defendem que as diferentes religiões não devem se fixar em suas próprias tradições, mas perceber a singularidade e a riqueza existente nos outros caminhos.<sup>99</sup>

Os pluralistas criticam a atitude inclusivista como sendo paternalista e, em vez de aceitarem que o cristianismo é a complementação das demais religiões, ou que todas as religiões encontrem seu caminho de salvação em Jesus Cristo, preferem a ideia de que todas as religiões são o caminho, a seu modo, rumo ao Absoluto. Nas palavras de Amaladoss, “Cristo é caminho para os cristãos; Buda para os budistas; e Krishna ou Rama para os hindus”.<sup>100</sup>

Dupuis explica que os teólogos adeptos do posicionamento pluralista consideram a posição inclusivista como sendo impraticável e inútil.<sup>101</sup> Geffré, por exemplo, critica o modelo inclusivista nas seguintes palavras:

Percebo cada vez mais o quanto esta posição inclusivista dificulta um diálogo autêntico, uma vez que não leva de fato a sério a diferença das outras tradições religiosas. Implica ainda uma forma de imperialismo secreto, como se tudo o que houvesse de verdadeiro, belo e santo nas outras religiões não passasse de um implícito cristão.<sup>102</sup>

<sup>97</sup> VIGIL, 2006, p. 63.

<sup>98</sup> DUPUIS, 1993, p. 77.

<sup>99</sup> TEIXEIRA, 1995b, p. 86.

<sup>100</sup> AMALADOSS, 1993, p. 91.

<sup>101</sup> DUPUIS, 1993, p. 81.

<sup>102</sup> GEFFRÉ, 1993, p. 64.

Geffré demonstra sua opção pela teologia pluralista ao afirmar:

Busco, portanto, conciliar o cristocentrismo com um teocentrismo mais radical, em virtude do qual as grandes religiões do mundo surgem como respostas diferentes para a única Realidade divina. Quanto a mim, o pluralismo religioso permanece um destino histórico permitido por Deus, cujo significado está oculto aos nossos olhos.<sup>103</sup>

Percebe-se que a questão de Cristo ocupa uma posição central no debate com relação ao pluralismo religioso. Jair Dupont levanta essa questão ao dizer que a própria afirmação de que é em Jesus que todas as pessoas encontram a salvação e que fora dele não existe outro caminho deve ser bem trabalhada para que não se torne um instrumento de exclusão no relacionamento com outras confissões religiosas.<sup>104</sup>

248

Pode-se dizer que, em síntese, a mudança de paradigma proposta pela Teologia do Pluralismo consiste em substituir a perspectiva cristocêntrica por uma perspectiva teocêntrica. Afirma-se que Jesus Cristo não se encontra no centro do desígnio salvador de Deus para a humanidade, mas que somente Deus ocupa essa posição e que para ele convergem todas as tradições religiosas.<sup>105</sup> Conforme Teixeira (2005), Jesus se revelou teocêntrico fazendo do Reino de Deus, e não a si próprio, o centro de sua mensagem.

Por isso o objetivo de Hick é retirar o foco central da questão cristológica para que as outras religiões possam assumir uma posição de igualdade. Assim o autor critica as teorias exclusivistas e inclusivistas afirmando que as teorias pluralistas, ao contrário destas, “reconhecem as outras grandes religiões mundiais como esferas independentemente autênticas de salva-

<sup>103</sup> GEFFRÉ, 1993, p. 65.

<sup>104</sup> DUPONT, 2000, p. 6.

<sup>105</sup> DUPUIS, 1993, p. 81-82.

ção/libertação/iluminação”.<sup>106</sup> O cenário que Hick propõe é um cenário em que cada tradição continuará existindo em sua particularidade concreta como resposta única ao Real. Segundo ele:

Conforme diminui o sentimento de rivalidade, todas participarão cada vez mais do diálogo inter-religioso, afetando-se mutuamente, e, em consequência de mudanças graduais, cada qual influenciando e sendo influenciada pelas outras. E contudo, nessa interação crescente, cada uma irá manter-se basicamente a mesma.<sup>107</sup>

Pode-se dizer que, assim como ocorre com o inclusivismo, também há algumas variações dentro da posição pluralista. A posição mais conhecida é a defendida por Hick. Entretanto, Panikkar é um exemplo de teólogo que defende um pluralismo ainda mais extremo. Em vez de afirmar que todas as religiões são caminhos diferentes para a salvação, ele defende que seria mais correto compreender que existem diferentes e múltiplas salvações. Usando a ilustração do cume de um monte, Panikkar afirma que não há somente um cume a ser alcançado, mas sim vários cumes e que o Mistério Supremo é justamente todos eles.<sup>108</sup>

Panikkar defende também que o verdadeiro pluralismo, por definição, não admite apenas um único sistema pluralista. A verdadeira pluralidade não se encontra na descoberta de possíveis respostas para um problema, mas no reconhecimento de que podem haver diferentes respostas mutuamente incompatíveis, as quais, porém, não podem ter sua legitimidade negada. Assim, Panikkar afirma que o pluralismo é um fato que desafia a própria análise racional.<sup>109</sup>

O estudo dos escritos dos teólogos pluralistas mostra claramente que estes não consideram o Novo Testamento como única fonte de autoridade ou revelação divina. Paul Knitter, por

<sup>106</sup> HICK, 2005, p. 191-192.

<sup>107</sup> HICK, 2005, p. 55.

<sup>108</sup> KNITTER, 2008, p. 207.

<sup>109</sup> PANIKKAR, 2002, p. 122.

exemplo, ao expor o modelo da mutualidade que se caracteriza como uma posição pluralista, explica que os proponentes desse modelo se baseiam nos conhecimentos acadêmicos do Novo Testamento para uma nova interpretação do papel de Jesus e do significado da encarnação.<sup>110</sup>

Teixeira (2005) segue a mesma linha. Ao analisar os escritos de Roger Haight, outro teólogo pluralista, parece simpatizar com a afirmação de que a unidade de Jesus com Deus não teria sido claramente estabelecida no Novo Testamento, nem mesmo na teologia joanina. As afirmações que Jesus faz a respeito de si mesmo no Evangelho joanino seriam apenas a expressão da fé dos discípulos da época e não necessariamente palavras literais ditas por ele.

Também Amaladoss, como proposta metodológica, defende que, ao se fazer teologia, não se deve abordar o plano da História ou da fenomenologia sem um enfoque racional ou científico no sentido normal das palavras. Em ambos os casos pode-se perceber um posicionamento influenciado pelo liberalismo teológico e pela ausência da crença na ação de Deus para a inspiração e preservação das Escrituras. O próprio Amaladoss reconhece as dificuldades da visão pluralista ao afirmar que para que se possa dizer que Cristo é um entre muitos caminhos torna-se necessário negar o fato da encarnação. Segundo ele, um cristão não reconheceria o Cristo de sua fé em uma apresentação desse tipo; e o mesmo aconteceria com os budistas em relação a Buda, ou com os hindus com relação a Krishna.<sup>111</sup>

<sup>110</sup> KNITTER, 2008, p. 191.

<sup>111</sup> AMALADOSS, 1993, p. 92.

A questão da encarnação e seu significado, devido às dificuldades que representam para os cristãos que simpatizam com os princípios pluralistas, demanda uma explicação por parte dos teólogos do pluralismo religioso e se tornou um ponto de extrema importância. Hick é um dos autores que, como solução para essa questão, propõe que haja uma reinterpretação do que significa “encarnação”.

#### 4. REAÇÕES À TPR

Como se poderia esperar, as ideias da TPR provocaram fortes reações nos contextos católico e protestante. Embora alguns teólogos tenham defendido os ideais pluralistas, houve aqueles que se opuseram às mudanças que estavam sendo propostas. No contexto católico, embora a partir do Concílio Vaticano II a igreja tenha dado indícios de aceitação de princípios inclusivista ou mesmo pluralistas, houveram reações contrárias ao pluralismo. No ano de 1996, o cardeal Joseph Ratzinger, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, demonstrava preocupação com as consequências da Teologia Pluralista chegando a afirmar que o relativismo havia se tornado “o problema fundamental da fé dos nossos dias”.<sup>112</sup>

Alguns anos depois, em 6 de agosto de 2000, a declaração “*Dominus Iesus*”, publicada pela Congregação para a Doutrina da Fé, representou uma das mais fortes reações à teologia pluralista ao afirmar claramente que adeptos de outras religiões estavam em uma situação “gravemente deficitária” em relação aos que se encontravam na igreja, pois estes eram os que tinham acesso pleno aos meios de salvação.<sup>113</sup> Sua finalidade foi justamente reafirmar a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja e de manter a urgência da missão.<sup>114</sup>

<sup>112</sup> TEIXEIRA, 1999, p. 593.

<sup>113</sup> TEIXEIRA, 2007, p. 26.

<sup>114</sup> GEFFRÉ, 2005, p. 18.

Ainda que no contexto católico haja razoável aceitação da posição inclusivista proposta por Rahner (um grande influenciador do Concílio Vaticano II), ainda há resistência quanto aos posicionamentos pluralistas propostos por Hick e outros teólogos mais extremos. A dificuldade está em abrir mão do cristocentrismo em detrimento de um teocentrismo que tenderia a uma relativização. A convicção expressa nos documentos oficiais da ICAR é de que ela possui a plenitude dos meios de salvação, sendo a verdadeira religião, para a qual estão ordenadas as diversas tradições religiosas.<sup>115</sup>

No contexto protestante, a posição exclusivista, também classificada por Knitter como modelo de substituição total, parece ser, pelo menos até o momento, a posição predominante. Nesse caso, Cristo é tido como a revelação verdadeira e plena de Deus e a fé nele está destinada a substituir todas as outras religiões.<sup>116</sup> Essa é a posição que também se caracteriza pelos “*solas*” que constituem a base do cristianismo: 1) somente pela graça; 2) somente pela fé; 3) somente por Cristo; e; 4) somente pela Escritura.<sup>117</sup>

Karl Barth foi um dos teólogos evangélicos mais influentes a fundamentar sua teologia no exclusivismo como oposição à teologia liberal.<sup>118</sup> A conclusão de Barth foi que “fora de Jesus Cristo não há salvação”.<sup>119</sup> Ele foi também um crítico severo de toda forma de religião (incluindo o cristianismo). Ainda assim, declarou que “o cristianismo é a religião verdadeira porque é a única religião que sabe que é uma religião falsa; e sabe, ademais, que apesar de ser uma religião falsa e idólatra, é salva mediante Jesus Cristo”.<sup>120</sup> Embora Barth não estivesse escrevendo

<sup>115</sup> Com relação a isso, pode-se consultar a declaração “*Dominus Iesus*” que foi publicada oficialmente pela Igreja Católica em 06/08/2000 e encontra-se disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000806\\_dominus-iesus\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_en.html)>. Acesso em: 25 jul. 2014.

<sup>116</sup> KNITTER, 2008, p. 45-46.

<sup>117</sup> KNITTER, 2008, p. 47-48.

<sup>118</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 41.

<sup>119</sup> TEIXEIRA, 1995, p. 42.

<sup>120</sup> KNITTER, 2008, p. 50.

contra o pluralismo religioso em si, pois ele precedeu teólogos pluralistas como Hick e outros, ao afirmar a religião como “nada mais do que uma fútil procura humana que não pode chegar a Deus”, Barth conseguiu bloquear por várias décadas a discussão sobre religião no contexto protestante ocidental.<sup>121</sup>

Em 1996, o teólogo Donald Carson publicou o livro *“The Gaggling of God: Christianity Confronts Pluralism”*, que foi traduzido em 2013 para o português pela Shedd Publicações.<sup>122</sup> Trata-se de uma das mais completas respostas do meio cristão ao pluralismo, tanto religioso quanto filosófico. Falando sobre a Bíblia e Jesus como o meio através do qual as pessoas podem conhecer a verdade sobre Deus, Carson escreve:

Deus providenciou graciosamente em seu Filho Jesus Cristo e na Bíblia; que são formas de pensar através das quais as pessoas vêm ao conhecimento da verdade e do Deus que é sua fonte última; e a falha em reconhecer isso pelo que é – em suma, a falha em conhecer a Deus – é moralmente repreensível e marca a rebelião contra a autoridade daquele que nos criou e governa (...). A Bíblia nos provê com uma metanarrativa, uma história compreensiva que nos fornece um *framework* para uma explicação compreensiva, uma cosmovisão compreensiva.<sup>123</sup>

Após analisar uma série de passagens bíblicas, Carson concluiu que o inclusivismo e o pluralismo não estão de acordo com a metanarrativa apresentada pela Bíblia. Segundo ele,

<sup>121</sup> SINNER, Rudolf Eduard von. Diálogo Inter-religioso: dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. In: Cadernos de Teologia Pública. n. 9. UNISINOS, 2004. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2014. p. 7

<sup>122</sup> Uma resenha da obra encontra-se disponível em: <<http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/55/64>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

<sup>123</sup> CARSON, D. A. *The Gaggling of God: Christianity confronts pluralism*. Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 191. “God has graciously provided in his Son Jesus Christ and in the Bible; that there are ways of thinking through how people come to know this truth, and the God who is its ultimate source; and that failure to recognize it for what it is – in short, failure to know God – is morally reprehensible, and marks a rebellion against the authority of the one who created us and who governs us. [...] The Bible provides us with a metanarrative, a comprehensive “story” that provides the framework for a comprehensive explanation, a comprehensive worldview”.

“o enredo bíblico estabelece uma completa cosmovisão para os cristãos e não nos permite sucumbir ao pluralismo radical, ou mesmo ao pluralismo popular”.<sup>124</sup>

Em 2002, John MacArthur, outro conhecido e respeitado teólogo cristão, lançou um pequeno livro intitulado “*Why One Way*” no qual trata diretamente sobre a questão do inclusivismo e do pluralismo presente na sociedade pós-moderna. Ainda na introdução do livro, o autor escreve:

Alguns que chamam a si mesmo de evangélicos estão abertamente insistindo que a fé em Jesus apenas não é o único caminho para o céu. Eles agora estão convencidos que pessoas de todas as crenças estarão no céu. (...) A menos que nós recuperemos nossa convicção de que Jesus é o único caminho para o céu, o movimento evangélico começará a ficar cada vez mais fraco e irrelevante (MacARTHUR, 2002, p. VIII-IX).<sup>125</sup>

A conclusão de MacArthur é que “os cristãos não podem aceitar o pós-modernismo sem sacrificar a essência de sua fé”.<sup>126</sup> Ele continua defendendo sua posição nas seguintes palavras:

A afirmação bíblica de que Cristo é o único caminho para a salvação certamente não está em harmonia com a noção pós-moderna de “tolerância”. Mas, ainda assim, é o que a Bíblia claramente ensina. E é a Bíblia, e não a opinião pós-moderna, a suprema autoridade para os Cristãos.<sup>127</sup>

254

<sup>124</sup> CARSON, 1996, p. 313. “My primary [...] is that the biblical plot-line establishes an entire worldview for Christians, and does not allow us to succumb to radical pluralism, or even to increasingly popular inclusivism.”

<sup>125</sup> MacARTHUR, John. *Why One Way? Defending an Exclusive Claim in an Inclusive World*. Nashville: W Publishing Group, 2002, p. VIII-IX. “Some who call themselves evangelicals are openly insisting that faith alone in Jesus is not the only way do heaven. They are now convinced that people of all faiths will be in heaven. [...] Unless we recover our conviction that christ is the only way to heaven, the evangelical movement will become increasingly weak and irrelevant.”

<sup>126</sup> MacARTHUR, 2002, p. 12.

<sup>127</sup> “Christians cannot capitulate to postmodernism without sacrificing the very essence of our faith. The Bible’s claim that Christ is the only way of salvation is certainly out of harmony with the postmodern notion of “tolerance”. But it is, after all, just what the Bible plainly teaches. And the Bible, not the postmodern opinion, is the supreme authority for the Christians.”

Outra importante resposta ao pluralismo religioso proposto por John Hick veio em 2012 a partir da publicação do livro *“Christian Theology and Religious Pluralism: a Critical Evaluation of John Hick”* escrito pelo teólogo David Nah. Em sua obra, o autor afirma que, ao contrário do que é defendido por Hick, há evidências de que Jesus era exaltado como Senhor já pelas primeiras comunidades cristãs. Ele escreve:

De fato, nos fragmentos de pré-paulinos de hinos e confissões citadas por Paulo, temos fortes evidências de que os primeiros cristãos judeus exaltaram Jesus como Senhor da comunidade, como na invocação Maranata (1 Cor 12.3; 16.22), uma prática levada aos círculos de língua grega através do uso comum de *kyrios para Jesus*. O título Senhor assume grande importância para a igreja primitiva, pois na Septuaginta, o *kyrios* é utilizada não só para traduzir uma palavra hebraica como *adonai*, mas também para indicar o inefável nome do Deus de Israel – *lavé*. Assim, embora o termo tenha sido usado frequentemente em aramaico e grego simplesmente como uma forma respeitosa de endereço para uma pessoa de alta posição, os primeiros cristãos transformaram seu uso para invocar o Jesus exaltado na adoração corporativa como Senhor, simultaneamente tendo Deus como objeto.<sup>128</sup>

Nah conclui que Hick está incorreto em sua cristologia e o critica por se utilizar de um reducionismo no tratamento com as religiões. Esse reducionismo, segundo ele, seria a maior fraqueza da Teologia Pluralista, pois faz com que as importantes diferenças existentes entre as grandes religiões sejam reduzidas a uma “*mesmice universal abstrata*” (“*an abstract universal sameness*”).<sup>129</sup>

<sup>128</sup> NAH, David S. *Christian Theology and Religious Pluralism: a critical evaluation of John Hick*. Eugene: Pickwick Publications, 2012, p. 180. “Indeed, in the pre-Pauline fragments of hymns and confessions quoted by Paul, we have strong evidence that the earliest Jewish Christians exalted Jesus as the Lord (*mare*) of the community, as in the invocation *maranatha* (1 Cor 12:3; 16:22), a practice that carried over into Greek-speaking circles in the common use of *kyrios* for Jesus. The title Lord takes on great significance for the early church, for in the Septuagint, the word *kyrios* is used not only to translate such a Hebrew word as *Adonai* but also to render the ineffable name of the God of Israel – *Yahweh*. Thus, while this term was often used in both Aramaic and Greek simply as a respectful form of address for a person of high position, the early Christians transformed its usage to invoke the exalted Jesus in corporate worship as Lord simultaneously with God as the object”.

<sup>129</sup> NAH, 2012, p. 68.

Embora haja muitos outros livros que foram escritos como resposta à TPR, os exemplos citados demonstram que as reações à TPR estiveram presentes tanto no contexto católico quanto protestante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da história e das características da TPR permite observar que seus princípios são incompatíveis com aquilo que é compreendido como sendo “cristianismo histórico”. Em grande medida, isso deve-se ao fato dos teólogos da TPR colocarem a Bíblia em igualdade com outras fontes no desenvolvimento do conhecimento teológico. Embora entenda-se que deva sempre haver respeito à pluralidade religiosa, é necessário lembrar que a missão da Igreja é anunciar que Jesus é o único caminho para o Pai, que o perdão dos pecados e a salvação são alcançados pela a fé no seu sacrifício vicário e na sua ressurreição, bem como que a esperança dos cristãos se encontra no retorno escatológico de Jesus. A mensagem cristã é simultaneamente um anúncio e um convite. Ao realizar ambos, aqueles que creem de forma diferente devem ser respeitados, sem que o caráter exclusivo da mensagem do Evangelho seja esquecido.

256

## REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). **O Novo Testamento Grego: quarta edição revisada**. Barueri: SBB, 2012. 991 p.

AMALADOSS, Michael. **O pluralismo das religiões e o significado de Cristo**. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 89-109.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (edit.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1997. 355 p. (Série Cultura Bíblica).

CARSON, D. A. **The Gagging of God**: Christianity confronts pluralism. Grand Rapids: Zondervan, 1996. 640 p.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007. 686 p.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

COMEAU, Geneviève. **La salvación en Cristo en un contexto de pluralismo religioso**. In: Spiritus: La misión y pluralismo religioso. Quito: Spiritus, 2000. Ano 41/2, n. 159, jun. 2000. p. 30-39.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1986. 322 p.

DUPONT, Jair. **O pluralismo religioso e o cristocentrismo**. Cadernos da ESTEF. Caxias do Sul: São Miguel, 2000. n. 25. 2000/2. p. 5-18.

DUPUIS, Jacques. **O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso**. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 75-88.

DUPUIS, Jacques. **Cuál Iglesia y cuál misión para el Reino de Díós?** In: Spiritus: La misión y pluralismo religioso. Quito: Spiritus, 2000. Ano 41, n. 159, jun. 2000. p. 125-138.

DUPUIS, Jacques. **Christianity and Religions: Complementary and Convergence**. In: CORNILLE, Catherine (Ed.). Many mansions? multiple religious belonging and Christian identity. Maryknoll: Orbis, 2002. p. 61-75.

GEFFRÉ, Claude. **A fé na era do pluralismo religioso**. In: TELXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 61-74.

GUTHRIE, Donald. **New Testament Introduction**. Inter-Varsity Press: Downers Grove, Illinois, 1970. 1054 p.

HICK, John. **A metáfora do Deus encarnado**. Petrópolis: Vozes, 2000. 230 p.

HICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões**. São Paulo: Attar, 2005. 214 p.

KNITTER, Paul F. **A transformação da missão no paradigma pluralista**. In: *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, Petrópolis, n. 319, p. 99-109, 2007/1.

KNITTER, Paul F. **Introdução às teologias das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008. 396 p.

LAUTER, Gabriel Giroto. **O pluralismo em questão**. *Revista Batista Pioneira*. Ijuí: FBP, 2014. v. 3, n. 1, p. 211-216. Disponível em: <<http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/55/64>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

MacARTHUR, John. **Why One Way?** Defending an Exclusive Claim in an Inclusive World. Nashville: W Publishing Group, 2002. 74 p.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010. 622 p.

METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. London: United Biblical Societies, 1971. 775 p.

MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. **Teologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011. 271 p.

NAH, David S. **Christian Theology and Religious Pluralism: a critical evaluation of John Hick**. Eugene: Pickwick Publications, 2012. 234 p.

OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 575 p.

PANIKKAR, Raimon. **On Christian Identity: Who Is a Christian?** In: CORNILLE, Catherine (Ed.). *Many mansions? Multiple Religious Belonging and Christian Identity*. Maryknoll: Orbis, 2002. p 121-144.

PEDREIRA, Eduardo Rosa. **Do confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999. 184 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. 631 p.

259

SINNER, Rudolf Eduard von. **Diálogo Inter-religioso: dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões**. Cadernos de Teologia Pública. n. 9. UNISINOS, 2004. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/009cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2014.

SOUZA, Itamir Neves de. **Comentário bíblico de João**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012. (Série Através da Bíblia). 380 p.

TAYLOR, William Carey. **Evangelho de João: tradução e comentário**. 2.ed. Casa Publicadora Batista: Rio de Janeiro, 1957. Vol. 2, 487 p.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995. 241 p.

TEIXEIRA, Faustino. **O cristianismo entre a identidade singular e o desafio plural**. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. 27, n. 71, p. 83-101, 1995b.

TEIXEIRA, Faustino. **A teologia do pluralismo religioso em questão**. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 59, n. 235, set. 1999, p. 591-617.

TEIXEIRA, Faustino. **O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio**. Horizonte. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19-38, 2. sem. 2003.

TEIXEIRA, Faustino. **O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões**. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Petrópolis, n. 319, p. 24-32, 2007/1.

THOMAS, Robert; GUNDRY, Stanley. **Harmonia dos Evangelhos: nova versão internacional**. São Paulo: Vida, 2004. 316 p.

VIGIL, José Maria. Desafios de la teologia del pluralismo religioso a la fe tradicional. Horizonte: Revista do Núcleo de Estudos em Teologia. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005. v. 4, n. 7, dez. 2005. p. 30-50.

VIGIL, José Maria. **Teologia do Pluralismo Religioso**: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006. 469 p.

VIGIL, José Maria. **O paradigma pluralista**: tarefas para a teologia para uma releitura pluralista do cristianismo. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Petrópolis, n. 319, p. 33-42, 2007/1.

WALKER, W. et al. **História da igreja cristã**. São Paulo: Aste, 2006. 888 p.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações – 4.0 Internacional